

Universidade de Brasília

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

**ENTRE O PORTUGUÊS E O INGLÊS:  
ELEMENTOS GRAMATICAIS DA AQUISIÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE**

MARIA LUIZA SENA DE MELO

BRASÍLIA

2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LINGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS- LIP

**ENTRE O PORTUGUÊS E O INGLÊS:  
ELEMENTOS GRAMATICAIS DA AQUISIÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE**

Maria Luiza Sena de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística,  
Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito  
parcial para a obtenção do grau de LICENCIADO EM LETRAS.

ORIENTADORA: Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA, 2018

Para Pedro e Ana

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus, que iluminou meus pensamentos e caminhos nessa jornada. À minha orientadora, Ulisdete Rodrigues, por toda paciência, dedicação e trabalho; por transmitir seus conhecimentos e por me orientar nesse trabalho árduo que é desenvolver uma pesquisa com tanta verdade como só ela pode fazer— sem ela, nada disso seria possível. E, finalmente, a todos os meus amigos e familiares que me auxiliaram do início até o fim dessa pesquisa.

## RESUMO

Este artigo tem como tema a Aquisição Escolar Bilíngue em uma escola de Brasília, no afã de observar os elementos gramaticais alternantes entre o Português e o Inglês. O objetivo central é analisar os processos de aquisição de uma segunda língua, o Inglês, em relação com a aquisição de língua materna, o Português. As referências fundamentais são: Monteiro (2008), Votre (2008), Chomsky (1959) e Piaget (1955). Inserido na área da Sociolinguística Geral, no desenvolvimento desse estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas e de campo para coleta e análise dos dados. Ao final chegou-se à conclusão de que processos fonético-fonológicos e morfossintáticos de L1 também ocorrem em L2 e em variação quase constante na fala dos aprendizes bilíngues muito pequenos e em fase de aquisição da linguagem. As alternâncias, empréstimos e interferências são, portanto, processos comuns na aquisição de crianças falantes do Português que estão aprendendo o Inglês como L2 e que estão sob a égide do ensino escolar bilíngue.

**Palavras-chave: Sociolinguística, Aquisição de Linguagem, Aquisição de Segunda Língua (L2) e Ensino Escolar Bilíngue.**

## **ABSTRACT**

This paper has as main theme the Bilingual Scholar Acquisition in a school located in Brasília to observe the alternances in grammatical elements between the Portuguese and English. Its central goal is to analyze the acquisition process of a second language (the English) related to the acquisition of a first language (the Portuguese). The Fundamental References are: Monteiro (2008), Votre (2008), Chomsky (1959) and Piaget (1955). Focused on the General Sociolinguistic, on the development of this paper, it has been done bibliographies and field researches to collect and analyze the data. At the end, it could be concluded that phonetic-phonological and morphosyntactic processes from L1 are also current in L2 and as an almost frequent variation on speaking of the bilingual learners. The alternation, borrows and interferences are, therefore, common processes into the acquisition of children that speaks Portuguese and are learning English as L2 under the scenario of a bilingual scholar teaching.

**Key-words: Sociolinguistic, Language Acquisition, Second Language Acquisition (L2) and Bilingual Scholar Teaching.**

# SUMÁRIO

Introdução – 8

2- Fundamentação Teórica – 11

2.2. Aquisição da Linguagem – 11

3- Metodologia- 14

4- Análise dos Dados – 18

4.1. A Interação Português-Inglês – 18

4.1.1. – Alternâncias Lexicais – 18

4.1.2. – Alternâncias Gramaticais – 22

4.1.2.1.- Fonético-Fonológicas – 22

4.1.2.2. – Morfossintáticas – 23

4.2. – Considerações Gerais – 24

Bibliografia – 28

## INTRODUÇÃO

Desde muito tempo, estudiosos do fenômeno da linguagem vêm tentando desvendar o mistério que ronda a humanidade: quando e por que começamos a falar? Quando demos início a essa maravilhosa capacidade humana, não se tem noção precisa, mas existem muitas teorias sobre o assunto como: “O homem das cavernas decidiu contar para a mulher das cavernas sobre a existência de uma pedra na saída das cavernas e apontou para ela dizendo: *Uga! Uga!*” e a partir daquele momento Uga Uga representava o objeto duro, cinza e redondo que machucava o pé na porta da caverna, a mulher reproduziu para a amiga, que reproduziu para a outra, e assim passamos a nos comunicar uns com os outros criando sons, gemidos ou combinações que representassem os objetos, até que essas representações mudaram para outras representações e assim por diante até chegarmos ao(s) sistema(s) linguístico(s) que conhecemos hoje.

Com relação à aquisição da linguagem, especialmente de uma L1, a maioria dos pensadores vão dizer que todo ser humano nasce com a capacidade inata de falar, tudo o que precisam são estímulos, a criança vai tentar combinações de comunicação com o seu cuidador, ela pode apontar para sua cama, por exemplo, e dizer: “*mimir*” caso o cuidador não a compreenda, ela tentará de outra maneira criando combinações que funcionem na comunicação com o cuidador. Outros dirão que o ser humano só vai falar se houver necessidade, ou seja, se nunca houver estímulo de outro ser humano, ele nunca vai falar.

Como o tema deste trabalho será sobre a relação do Inglês e do Português numa escola bilíngue, como se pode depreender a partir do título, gostaria de partir do pensamento de que o meio influencia a fala da criança, já que estamos nos questionando como a criança adquire uma língua específica, que é o Inglês em um ambiente que ela já possui o Português.

As crianças adquirem as línguas de suas comunidades. E cada comunidade linguística ou grupo social tem necessidades de comunicação específicas. Isso influenciará no modo de formação e aquisição de uma língua. A partir do momento em que uma palavra não é compreensível para representar “garfo” em uma região, é necessária uma nova palavra que a substitua corretamente, isso vai acontecendo várias e várias vezes até que uma fala se diferencie tanto da outra que novas línguas são criadas, enquanto outras deixam de existir. Portanto, se o falante nasceu no Brasil, ele não vai

aprender a falar Inglês, pois o seu contexto é da Língua Portuguesa, à exceção dos contextos bilíngues, que é o tema a ser tratado neste artigo.

Como se sabe, para efeitos de justificativa da motivação e relevância desse estudo, não é de hoje que a expansão linguística do Inglês têm se tornado cada vez mais uma parte da realidade dos Brasileiros, e juntamente com isso, faz-se necessário o aprendizado da Língua Inglesa, que, por ter-se tornado uma língua mundialmente falada, facilita a comunicação com estrangeiros em qualquer lugar do mundo. Diante dessa realidade, pais preocupados com o desenvolvimento e socialização de seus filhos, buscam mais e mais cursinhos de Inglês para que seus filhos não fiquem aquém do que acontece à sua volta.

Os educadores perceberam que a melhor maneira de se adquirir uma língua, é estar em contato constante com ela, assim como a língua materna. Em face dessa situação, surgem as instituições bilíngues, onde a criança, além de estar em contato com sua língua materna, vai estabelecer contato com a nova língua, no nosso caso de estudo: o Inglês.

As instituições bilíngues partem do pressuposto teórico de que a criança desenvolve a linguagem em contato com o meio que vive logo o esquema de imersão se inicia logo no primeiro dia de aula em que o professor fará o uso de mecanismos de assimilação e acomodação com palavras, frases e objetos já conhecidos pela criança, e em pouco tempo, perto de uma semana ou duas, a criança já é capaz de compreender sentenças simples e comandos repetitivos como: “*Go do something...*” ou “*The sky is beautiful today!*” Nesse contexto, a criança já começa a fazer tentativas de assimilação entre uma Língua e outra, ela vai buscar explorar o desconhecido, utilizando-se do conhecido, ou seja, ela criará palavras em Inglês utilizando a gramática, que ela já conhece, do Português.

Esse trabalho tem por objetivos estudar exatamente esses casos em que a criança utiliza do Português para tentar se comunicar em Inglês, visto que os cuidadores do meio em que ela se encontra somente se dirigem a ela em Inglês. Há também o propósito de investigar a ambientalização e socialização externa à instituição dessas crianças e observar que tipo de influência pais que se comunicam em Inglês com seus filhos exerce na aquisição da L2 e se a criança que não possui pais bilíngues é prejudicada no momento da aquisição. Para tanto, serão levantadas algumas questões: a idade das crianças influencia a aquisição? O período motor que ela se encontra influencia de que maneira na aquisição de uma L2? Buscaremos investigar também a natureza dessas ocorrências, são

elas fonético-fonológicas ou são morfossintáticas? Por que elas ocorrem? Qual delas acontece com maior frequência?

Para atingir esses objetivos este artigo está dividido nas seguintes partes: Introdução, com uma fala geral sobre o assunto. Fundamentação teórica apresentando artigos, textos, livros e pesquisas que levaram ao resultado e ao levantamento da questão. Áreas envolvidas na pesquisa, os processos de Aquisição de Segunda Língua, Metodologia, Os registros (Orais, anotados pela pesquisadora), Análise dos Dados: variáveis sociais, variáveis Linguísticas, Considerações Gerais e Referências Bibliográficas.

## **2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Este capítulo tratará da revisão da literatura que vai contemplar as obras que são desenvolvidas nessa área de pesquisa. O item abordará a aquisição de segunda língua com o histórico da área, os métodos, os pensadores e os conceitos fundamentais que circundam a pesquisa.

### **2.2. Aquisição da Linguagem**

De acordo com Noam Chomsky (1959), a aquisição da linguagem está relacionada à capacidade de falar do ser humano, capacidade essa inata, relacionada à genética humana. Segundo Chomsky, o nosso cérebro está organizado em caixas, dentro de uma, por exemplo, pode-se encontrar a estrutura de tópicos S + V + O (sujeito + verbo + objeto), em outras encontraremos todos os fonemas existentes, para essa organização dá-se o nome: de Gramática Universal (G.U.). Então para se adquirir uma linguagem, o ser humano vai selecionar o que será utilizado e, basicamente, excluir o resto. Chomsky afirma que para falar, basta que você seja um ser humano e não possua nenhum déficit de linguagem e esteja exposto à língua foco, porém existe um período crítico para a aquisição de uma língua, e esse período se extingue após a puberdade, ou seja, durante o período crítico, o ser humano pode ser exposto a qualquer língua, que ele vai adquiri-la, após esse período, o processo de aquisição se dificulta, não significando que não seja possível aprendê-la, apenas que o falante não vai adquiri-la como natural, ou seja, vai sempre buscar estruturas de sua língua mãe para constituir frases, palavras ou expressões de sua língua-alvo.

Piaget (1975) vem, basicamente, com as mesmas ideias, não com os mesmos nomes, mas a essência é a mesma, pois ambos acreditam que a linguagem é algo que vem “de dentro para fora”, resultado de uma inteligência completa. Piaget acrescenta que a linguagem está relacionada a estágios de interação sendo eles: Sensório-motor, iniciado aos 0 meses de idade e encerrando aos 18 meses de idade, Pré-operatório, iniciado aos 2 anos e terminando aos 7 anos, dividido em; egocêntrico, que é quando a criança apresenta a fala egocêntrica, fala sempre sobre si, ou sozinha, iniciado aos 2 anos e terminando aos 4 anos, e o intuitivo, que é quando a criança se reconhece entre outras pessoas e consegue se comunicar com elas.

Já Vygotsky (1996), diz que a linguagem vem “de fora para dentro”, é resultado de um interacionismo social meio + mediador. Desse interacionismo resulta-se a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD) que é o meio-termo entre o que a criança já conhece (desenvolvimento real) com o que o adulto apresenta a ela (desenvolvimento real).

Com esses conhecimentos, estaremos então aptos a dar continuidade aos nossos pressupostos em aquisição de segunda língua.

Depois de colocadas essas informações sobre a aquisição da língua materna, discutiremos alguns pontos sobre a aquisição de segunda língua. Vários fatores influenciam essa temática: o ambiente de aquisição, a idade em que se entra em contato com essa língua, as interações feitas entre cuidador-criança e vice-versa, a motivação que o falante recebe, o porquê da aquisição, e vários outros fatores, como diz Ellis (1985), a aquisição não é um fenômeno uniforme ou previsível, na verdade, é resultado de um nº enorme de fatores, referindo-se, de um lado as questões do aprendiz e de outro, a situação de aprendizagem. Entretanto, no fator aquisição de segunda língua, alguns fatores são uniformes e podem ser generalizados, o termo aquisição de segunda língua será então usado para tratarmos de assuntos gerais.

Alguns pesquisadores como James Lantolf (2000), Richard Donato (1994) e outros, tendem a estender a teoria de Vygotsky para a aquisição de segunda língua. Desse modo, mostram como se dá a aquisição de uma segunda, quando a criança está inserida em um meio com outros falantes dessa língua-alvo. No contexto de aquisição por crianças no estágio pré-operatório, se dará por experiências pelas quais elas passam, se as experiências forem contribuintes para à aquisição, ela obterá sucesso, por isso o professor deve se manter atento às oportunidades que surgem em sala de aula, pois:

“crianças aprendem uma língua através das interações sociais vivenciadas e constroem o seu sistema linguístico a partir da linguagem que ouvem do adulto e de outras crianças falantes. Elas aprenderão uma segunda língua, usando-a. No início, irão memorizar algumas frases e palavras na segunda língua. Algumas crianças começam a falar rapidamente, cometendo erros, como parte do processo de construção. Outras levam algum tempo, antes de se expressarem na segunda língua, mas uma vez prontas, falam e cometem menos erros. As expectativas dos pais devem contar com alguns meses para que o processo apresente os primeiros sinais de produção linguística.” (MARTINS, 2007, p. 40).

Várias correntes teóricas procuram explicar a aquisição de segunda língua, utilizando-se de dois fatores: o valor do *input* recebido pela segunda língua e mecanismos teóricos que facilitem a aquisição, ambos vindos do cuidador. Para Ellis (1985), falar sobre os efeitos do *input* e da interação na aquisição da segunda língua, podem existir duas realidades: ambientes naturais e em sala de aula. São duas as vertentes que explicam o *input* recebido: o *foreigner talk* e o discurso presente nas conversações entre falantes nativos e aprendizes da segunda língua. O *Foreigner Talk* é utilizado quando relacionado à fala de falantes nativos, com falantes não nativos. Esse termo serve para auxiliar a comunicação entre nativo e não nativo e é utilizado de maneira pedagógica, sempre com o falante nativo trazendo o *input*, já o discurso, é um diálogo construído em conjunto, onde ambos os falantes trocarão seus conhecimentos sobre a língua, tornando o conhecimento mais rico.

Como o âmbito dessa pesquisa é o ambiente escolar, trataremos um pouco sobre a questão. MARTINS 2007, vai dizer sobre o fator motivação, a criança deve se sentir motivada a falar a outra língua, portanto o ambiente deve ser propício para incentivar essa fala, a criança deve sentir necessidade de comunicação nessa outra língua, pois se ela está realmente interessada, ela buscará oportunidades de fala e estará sempre disposta a ouvir novas coisas. Dessa forma, o ambiente escolar deve ser sempre confortável e acolhedor para que a criança estabeleça comunicações sociais de maneira mais fácil e rápida na segunda língua. Paiva (2009), fala sobre a importância da formação de hábitos, para uma criança, estabelecer uma rotina é como as paredes de uma casa, que sempre sustentarão o topo e trarão proteção, assim como criar hábitos diários na rotina da criança, pois assim ela perceberá aquilo que sempre está em sua rotina como crucial, aqui tratamos de crianças que estão sendo apresentadas à um mundo completamente novo, nova língua, novos adultos e várias outras crianças no mesmo ambiente, por isso é importante que uma rotina se estabeleça, para que ela sempre saiba o que está por vir, então se ela está sempre ouvindo seu cuidador se dirigir à ela em inglês e o ambiente permite que ela se arrisque em sua nova língua, a criança irá se arriscar, pois ela possui o hábito de escutar sua outra língua, já se o cuidador não possui o hábito de se comunicar em inglês com a criança, o processo de aquisição se torna muito mais difícil e confuso, pois não adianta não possuir um hábito e querer que a criança o adquira.

### **3-Metodologia**

Neste capítulo será abordado, primeiramente a área em que ele foi desenvolvido, que é a Sociolinguística e suas vertentes, sendo seguido da explicação da metodologia do trabalho.

Segundo Votre (2008) a Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação da língua com a sociedade em seu uso real. Ela se difere à sociologia da língua devido ao fato de que seu foco é o efeito da sociedade sobre a língua, enquanto a sociologia da língua se mantém no efeito da língua sobre a sociedade.

Votre (2008), afirma que a língua é uma instituição social e não pode ser estudada como uma estrutura autônoma e que a variação e a mudança são formas inerentes às línguas, como o estruturalismo e o gerativismo não incluíram em suas análises a variação, diante dos modelos que afastavam o objeto da linguística da realização da língua e de suas manifestações, vários linguistas como Labov, Gumperz e Dell Hymes, procuraram outros caminhos, um deles gerou a Sociolinguística.

A Sociolinguística preenche um vazio e tem como objetivos: o aspecto interior das línguas, a competência linguística e entender quais são os fatores que motivam a variação linguística e a importância de cada um deles. Ela se formou nos Estados Unidos em 1960, com o linguista William Labov, que criou a teoria variacionista que consiste em estudar a regularidade e a sistematicidade por trás da comunicação do dia-a-dia e por isso será utilizada nessa pesquisa.

A vertente utilizada nessa pesquisa se baseia em uma análise quantitativa de coleta de dados de Labov, visando analisar o número de vezes que as falas ocorrem, mas também será qualitativa, visto que a análise se dá diante de um relato de experiência, já que a pesquisadora está inserida no contexto estudado e pode falar com propriedade, de maneira subjetiva, sobre os dados coletados advindos de sua experiência individual.

A pesquisa se utilizou da participação em campo, já que a pesquisadora está envolvida com a sala de aula em questão, assim conhecendo bem o contexto da sala de aula, a rotina e os sujeitos nela presentes.

As observações ocorreram durante os meses de fevereiro a junho do ano de 2018 sendo registrados diálogos aleatórios em dias, também, aleatórios, todos os dados colhidos foram realizados de maneira espontânea e não foram provocados por nenhuma

das professoras presentes em sala de aula, visto que as crianças tendem a reproduzir melhor quando não se sentem avaliadas, assim podemos analisar de fato as ocorrências desses fenômenos no ambiente estudado, no momento em que ocorreram as falas mais significativas, a pesquisadora se preocupou em anotar os ocorridos para que não ocorresse nenhuma perda.

Os diálogos observados foram os ocorridos entre professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno, sendo devidamente registrados logo após seu acontecimento. A partir desses diálogos, serão observados a forma em que a professora, os outros alunos e o ambiente contribuem para a aquisição de uma segunda língua.

A observação foi realizada em uma instituição bilíngue, localizada em Brasília-DF. A escola é uma franquia, com sedes em vários estados do Brasil e outros países do globo. A instituição se utiliza de bases teóricas formuladas por pensadores como Jean Piaget, Ley Vygotsky, Eric Erikson e Howard Gardner. Ela respeita e tira proveito da Pluralidade cultural. Além disso, insere elementos dessas culturas no processo educacional, enriquecendo o currículo e preparando os alunos para atuarem como cidadãos do mundo.

As aulas são projetadas por educadores estrangeiros, visando o desenvolvimento intelectual, linguístico, pessoal, social e físico dos alunos. O programa é inspirado em quatro elementos importantes para a completa aprendizagem: ensino do idioma, aprendizado ativo, atividades planejadas e prática em sala de aula.

A escola possui dois programas a serem seguidos: o programa em inglês e o em português. Na educação infantil, todas as aulas são ministradas em inglês, com exceção do último ano, em que cerca de 30% da aula é destinada ao conteúdo curricular da pré-alfabetização em língua portuguesa. No ensino fundamental, as aulas são ministradas, metade em inglês, sendo elas: as ciências exatas e biológicas e a língua inglesa e sua cultura, e a outra metade em português: ciências humanas, língua portuguesa e sua cultura.

Foi observada uma turma de Toddler com crianças na faixa de 1,5 a 3 anos. A turma está composta por 13 alunos, sendo 6 meninas e 7 meninos. A grande maioria é proveniente de família de classe média ou classe média alta. Todas as crianças estão em

seu primeiro ano de escola, com exceção de uma que no ano anterior frequentava uma creche.

Algumas crianças ingressaram na escola já conhecendo um pouco do vocabulário da língua inglesa por influência dos pais, enquanto outros ingressaram sem nenhum conhecimento da língua inglesa, apenas uma criança conhecia muito bem ambas as línguas: Portuguesa e Inglesa, visto que seus pais só se comunicam através da Língua Inglesa e seus avós da Língua Portuguesa. As crianças estão em fase de aquisição da língua, o que as torna mais curiosas em ambas as línguas e torna o processo de aquisição de L2 ainda mais interessante. Elas fazem pouco uso da Língua Inglesa para se comunicar, já que estão mais habituadas à Língua Portuguesa, mas isso não impede que vez ou outra, elas se arrisquem em alguma frase ou palavra da Língua Inglesa relacionada à rotina, como pedir água ou para ir ao banheiro. As crianças se comunicam umas com as outras somente na Língua Portuguesa, mas em alguns raros momentos, utilizaram palavras em inglês, porém, ao tomarem conhecimento dessa palavra em português, ela sumia do diálogo aluno-aluno.

A turma possui três professoras: uma regente, que é responsável por manter a rotina da sala fixa e apresentar os novos conteúdos, e duas assistentes, que são responsáveis por manter a sala organizada, cuidar das crianças em momentos livres, manter a higiene das crianças, atender às necessidades delas, acompanhar as crianças em momentos livres, entre outras coisas. A função de assistente é o cargo ocupado pela autora desse trabalho. As professoras são muito carinhosas e brincalhonas com as crianças, sendo que é difícil recordar de momentos em que houve conflitos entre as crianças com as professoras, as crianças respondem muito bem aos comandos solicitados pelas professoras e também às brincadeiras, o que gera um ambiente agradável e propício ao aprendizado.

A rotina da sala se inicia às 08:00 A.M. e termina às 12:00 P.M., sendo dividida da seguinte maneira:

segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
<b>Circle time</b>	Circle time	Sand playground	Circle time	Circle time
<b>Drink water</b>	Drink water	Drink water	Drink water	Drink water

<b>Library</b>	Music Class	P.E. Class	Activities	Activities
<b>Snack time</b>	Snack time	Snack time	Snack time	Snack time
<b>Hygiene</b>	Hygiene	Hygiene	Hygiene	Hygiene
<b>Relax Moment</b>	Relax Moment	Relax Moment	Relax Moment	Relax Moment
<b>Playground/Bye-bye</b>	Playground/Bye-bye	Playground/Bye-bye	Playground/Bye-bye	Playground/Bye-bye

Os momentos de “Circle time” e “Activities” são momentos de instrução, em que a professora regente só faz uso da Língua Inglesa e em momentos de absoluta necessidade, a professora assistente traduz somente para a criança que não compreendeu o que foi dito, nesse momento são cantadas músicas em inglês, explicadas coisas do cotidiano e alguns diálogos são estabelecidos com as crianças.

Os momentos de “Library”, “Music Class”, “P.E. Class (Physical Education)”, são momentos que a criança tem a oportunidade de sair da sala de aula e estar com outros professores que vão trazer diferentes conhecimentos e também vocabulário para a criança.

Os momentos de “Drink water”, “Snack time”, “Playground”, “Hygiene” e “Relax moment” são regidos pelas professoras assistentes e, por serem momentos mais descontraídos, se dão ora em português, ora em inglês, varia de acordo com a interação dos alunos. Durante esses momentos mais descontraídos é que foram coletados maior número de dados e dados mais significativos.

## **4- Análise dos Dados**

Nessa seção, faremos uma análise sobre os dados coletados, aqui será levada em consideração a influência dos pais, se são falantes da Língua Inglesa, ou não. De maneira a facilitar a leitura dos dados, as legendas foram organizadas da seguinte maneira:

- P.F.I + : Pais Falantes de Inglês em nível avançado;
- P.F.I. - : Pais não Falantes de Inglês;
- P.F.I. +- : Pais Falantes de Inglês em nível Básico.

As Tabelas foram organizadas de forma a separar as ocorrências das meninas dos meninos, portanto estarão identificadas como “Feminino” a tabela referente às ocorrências das meninas e “Masculino” as tabelas referentes às ocorrências dos meninos. As tabelas estarão divididas com a legenda referente aos pais, os participantes, identificados somente com uma, ou duas letras referentes aos seus respectivos nomes, de forma a manter o sigilo em relação às crianças, e as ocorrências, que são os dados colhidos durante a pesquisa, este está organizado da seguinte maneira: a forma que foi dita + a forma que o aluno gostaria de dizer ou que ele ouviu+ como ela é na fala adulta: produção + recepção ou intenção + forma plena.

Esta seção se dividirá em duas partes: uma referente à interação Português- Inglês, em que se trarão as ocorrências vocabulares/frasais cometidas pelas crianças e as alternâncias gramaticais, que engloba as ocorrências fonético-fonológicas e morfosintáticas da relação Português-Inglês na aquisição de segunda língua dessas crianças.

### **4.1. A interação Português-Inglês**

#### **4.1.1. Alternâncias Lexicais (Vocabulares/frasais)**

Aqui podemos observar que o nível de compreensão dos alunos está totalmente alcançado, só que eles testam as combinações, tanto de L1, quanto de L2. A todo o

momento eles fazem misturas de vocábulos, não importam quais sejam eles estão sempre no lugar correto, gramaticalmente falando, por exemplo: a ordem S+V+O é mantida, assim como as sentenças elaboradas, que são pensadas no português, mas possui os vocábulos do Inglês incorporados em sua estrutura e isso pode ser observado nas tabelas abaixo:

1. Feminino			Participante	Ocorrências
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-		
X			Mn.	Professora: “Did you finish your activity, Mn.?” Mn: “Ainda no!” (ainda + no=ainda não)
	X		I.B.	“Eu já fui peepee!” (peepee=xixi)
X			Mn.	“Eu já get your things!” (eu já + get your things= eu já peguei as minhas coisas)
X			Mn.	“Ms., olha! Eu ‘tô’ takeando cuidado do baby!” (do+baby=do neném)
		X	J.	J.: “Eu tenho duas families!” (duas+families=duas famílias) Professora: “Two?” J.: “É, uma da mommy e outra do Daddy.” (da+mommy=da mamãe) (do+daddy=do papai)
		X	I.	A colega pega a boneca de sua mão e então ela diz: “Ah no, o baby é mine!” (Ah+no=ah não) (o+baby=o neném) (é+mine=é meu)

As meninas apresentam grande compreensão lexical de ambas as línguas: tanto sua produção, quanto sua recepção, estão formadas, prova que elas já até podem fazer correções de sentenças, ou vocábulos completos, por exemplo; quando, em determinado momento, a professora está conversando em inglês e diz uma palavra, ou sentença simples em português, a tendência feminina é corrigir a professora, mostrando que ela devia falar em inglês, o mesmo acontece do português para o inglês.

Outro fato importante a ser notado, é que esse fenômeno de correção está evidente somente na fala das meninas, de acordo com os dados, nenhum menino se dedicou a fazer correções, não que sua compreensão não esteja completa, mas porque isso tem se mostrado um processo natural feminino, visto que, em geral, as mulheres possuem um zelo maior pela língua, o grupo feminino é o que mais preserva as regras, as formas vocabulares, zela por um formato de língua dentro da sociedade. Este fenômeno não é visto apenas na fase adulta, mas sim desde pequena, porque é desde a infância que a menina entende que a mãe realiza essas correções em casa e ela vai reproduzir isso em outro contexto, é a mãe que corrige o irmãozinho, é a mãe que corrige o pai, em alguns ambientes, elas percebem o padrão de casa, a fala de sua casa, por exemplo, é assim, então ela tende a manter esse padrão, é um papel social, quase função, que as meninas estão assumindo quando crianças e isso pode ser observado na tabela abaixo:

1.2 Feminino			Participante	Ocorrências
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-		
X			Mn.	Professora: "guys, say: I like to eat watermelon!" Mn.: *balançado a cabeça em negação* Eu gosto de comer melancia!
X			Mn.	Professora: "Oh, Mn. you brought chocolate cake!" Mn.: "Não, é bolo de chocolate!"
		X	J.	J.: "O que é isso?" *aponta para a cor azul* Professora: "It's blue." J.: "E isso?" Professora: "It's red." J.: "E isso?" *aponta novamente para a cor azul novamente, provocando a professora * Professora: "É azul." J.: "Não, não, não, errou, é It's blue!"

Na tabela 2, é possível observar outro padrão entre gênero feminino x masculino; as ocorrências lexicais-gramaticais do grupo masculino foram, em número, maiores do que as ocorrências do grupo feminino, isso se dá devido ao “espírito aventureiro” que os meninos possuem. Em geral, os meninos não possuem medo de se arriscar, o que tem se mostrado até na fala, como eles estão aprendendo e gostam de se aventurar, eles se “aventuram” nas duas línguas que estão aprendendo, eles falam mais, e em algumas vezes, ainda é possível ver que eles testam suas hipóteses, não só com as professoras, mas com seus pais e colegas também, isso porque eles querem saber se o que eles estão dizendo pode ser aceito, o que não se percebe no grupo feminino.

2. Masculino			Participante	Ocorrências
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-		
X			D.	“Ti beautiful” (Ti bonito= Que bonito!)
X			P.G.	“Ms., olha! A minha flower tá growing up!”(flower=flor)
		X	L.	“Eu já fui peepee” (peepee=xixi)
X			P.O.	“Eu já drink water!” (drink water=beber água)
X			D.	Aponta para uma imagem e diz: “A cow!” (cow=vaca)
		X	M.	M.: Ms., vai ter sticker hoje? Professora: Hoje não tem, desculpa. M.: “Ah, só outro day, né?” (outro+day=outro dia)
		X	M.	M.: “Ms, open please?” Professora vira e abre o lanche do outro colega primeiro. M.: “Ué, mas eu pedi open please!” (pedi+open please=pedi para abrir)
X			P.O.	“Ms, olha! Big macaco.” (big+macaco=macaco grande)
X			P.O.	*mostra uma foto* “Eu era um baby!”

				(um+baby=um bebê)
<b>X</b>			P.G.	“Olha, L., um baby pássaro!” (baby+pássaro=pássaro bebê)

## 4.1.2. Alternâncias Gramaticais

### 4.1.2.1. Fonético-Fonológicas

Aqui observaremos ocorrências fonético-fonológicas, que se mostraram bastante recorrentes na fala das crianças no dia-a-dia.

As crianças, quando em fase de aquisição de língua materna, costumam omitir alguns fonemas complexos, isso não deixou de ser visto também na aquisição de L2. A maioria das ocorrências se deu na omissão do ‘r’, não que elas não saibam produzi-lo, mas porque ainda não possuem esse fonema em sua oralidade, isso porque a letra ‘r’ é uma sílaba complexa, portanto, sempre que a criança não for capaz de produzir um fonema, ela buscará, em seu “arsenal” de fonemas, um som mais parecido com o que ela está ouvindo, nessa pesquisa, trouxemos exemplos de reprodução apenas no inglês, então por exemplo; se a criança está ouvindo a professora falar “*warer*” e ele ainda não compreende esse ‘r’ intervocálico, ela pensa no que é mais fácil de reproduzir e no que é mais parecido, então ela ainda não viu a palavra escrita, mas a todo momento a professora diz “*warer*”, ela usa de sua intuição de falante em L1 e acrescenta o ‘L’, produzindo “*waler*”, o mesmo processo acontece quando a professora diz “*brush*”, ela não possui esse ‘r’ e nem encontra um som parecido, então ela produz o que entendeu, mas deixa um espaço vazio no lugar do som que ela não possui: “*b0ush*” e no momento que esse som for acrescentado à seu “arsenal”, ela passará a reproduzi-lo, isso está evidente nas tabelas abaixo:

3. Feminino			Participante	Ocorrências
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-		
<b>X</b>			Mn.	“Waler peese!” (warer=water)

			GERAL	Beuliful (biuriful= beautiful)
--	--	--	-------	--------------------------------

4. Masculino			Participante	Ocorrências
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-		
X			P.G.	“Eu quero bush your teeth!” (bush=brush)
			GERAL	“Beuliful” (biuriful=beautiful)
			GERAL	“Waler peese!” (warer=water)

#### 4.1.2.2. Morfossintática

Nesta seção, serão registradas as ocorrências morfossintáticas, que só tiveram exemplares na fala dos informantes masculinos.

Os dados morfossintáticos que encontramos ocorreram nos verbos. Notou-se que as crianças realizam essa alteração por analogia a um verbo mais comum. Por exemplo, o verbo ‘*sleep*’, quando pronunciado, termina com o som de ‘i’. Como se sabe, ‘*sleep*’ é dormir, mas no contexto que a criança pronunciou o verbo, era com uma ideia de continuidade, então ela acrescentou o gerúndio do português, o que gerou o verbo ‘*sleepindo*’. O mesmo acontece com as outras ocorrências nas quais a criança, por analogia, fala a base do verbo em inglês com as terminações do português. Isso indica que elas estão aprendendo a L2, e estão aprendendo muito bem, porque a criança não pronunciou, por exemplo, ‘*sleepioso*’. Isso leva a crer que ela sabe que é o verbo dormir, e sabe que tem de acrescentar a marca de gerúndio. A tabela de ocorrências de número 6 mostra como isso é frequente:

5. Feminino			Participante	Ocorrências
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-		

6. Masculino			Participante	Ocorrências
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-		
X			P.G.	Professora: “Go eat your snack, P.G.!” P.G.: “Já eatei, Ms!” (eatei=comei=comi)
X			P.G.	Professora: “Did you clean up already?” P.G.: “Cleanei” (cleanei=gardei)
X			D.	Aponta para a criança que está dormindo e diz: “‘tá’ sleepindo!” (sleepindo=dormindo)
X			P.O.	P.O.: “Agora a gente vai singlar parabéns!” (vai+ singlar=vai vantar)

#### 4.2. Considerações Gerais sobre alternância, influência e interferência linguística

Aqui estão presentes algumas tabelas informativas sobre os dados adquiridos e sobre os informantes. Nessa seção, também serão respondidas as perguntas realizadas no início do artigo: a idade das crianças influencia a aquisição? O período motor que ela se encontra influencia de que maneira na aquisição de uma L2? Quanto à natureza das ocorrências: são elas fonético-fonológicas ou são morfossintáticas? Por que elas ocorrem? Qual delas acontece com maior frequência?

2. Porcentagem de Ocorrências-Feminino		
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-
0,06%	0,01%	0,03%

1. Porcentagem de Ocorrências-Masculino		
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-
0,12%	0,0%	0,03%

3. Informantes			Participante	Idade/Período Motor
P.F.I+	P.F.I-	P.F.I+-		
X			Mn.	3 - Operatório Concreto
	X		I.B.	2 - Pré-Operatório
		X	J.	3 - Operatório Concreto
		X	I.	2 - Operatório Concreto
X			D.	2 - Pré-Operatório
X			P.G.	2 – Operatório Concreto
		X	L.	2 – Pré-Operatório
X			P.O.	3 – Operatório Concreto
		X	M.	3 – Operatório Concreto

Como dito anteriormente, as crianças fizeram em L2, assim como em L1, assimilações e cruzamento de informações com o conhecimento adquirido e aquele que traziam consigo, internalizado (ZPD de Vygotsky,1996). As crianças estão, a todo momento, testando hipóteses na L1, o que não seria diferente em sua L2, em contraste, as duas línguas farão um *codeswitching* muito específico, direcionado exatamente para o que a criança quer dizer naquele momento. Então, elas misturam as estruturas das duas línguas e vão sistematizando as gramáticas das duas línguas em um processo demorado e quase natural em sala de aula.

A criança, naturalmente, na fase de L1, está testando morfemas anteriores, posteriores, flexão verbal e fazem tudo por analogia a outros modelos, outras formas vocabulares ou verbais que ela já tem. A criança só vai começar a usar a L2 naturalmente, quando ela possuir mais autonomia na L1, por isso crianças na fase pré-operatória, ou com dois anos de idade, independente do sexo, não apresentaram tantas ocorrências. Isso não significa que elas não possuam compreensão da L2: elas compreendem, mas não reproduzem. O mesmo é comprovado quanto ao período motor em que elas se encontram: as crianças que se encontram no período operatório concreto mostraram um número maior de ocorrências do que as crianças do período pré-operatório, isso porque as crianças em fase de operatório concreto já são consideradas mais maduras e estão com a linguagem em L1 mais desenvolvida, o que as tornam mais propícias à pronuncia em L2.

As crianças encontram-se em uma fase da aquisição em que testam os elementos lexicais e gramaticais. O fato de estarem em contexto de aprendizagem escolar bilíngue torna suas realizações próprias de um falante de L1 e também de um falante bilíngue, porque um falante bilíngue vai fazer, naturalmente, essas misturas encontradas na fala das crianças, ou seja, os processos que ocorrem em L1 são transpostos para L2.

Elas formaram uma comunidade de língua, então formaram também algumas regrinhas para esse mundo bilíngue, que inclui fazer essas misturas, tanto fonético-fonológicas, quanto morfossintáticas. Esse acontecimento é algo natural e até desejável, posto que representa que a aprendizagem está acontecendo e que o conhecimento está seguindo seu curso.

Em linhas gerais, depois do exposto, pode-se afirmar que o presente trabalho possibilitou a observação de breves ocorrências linguísticas de crianças em fase de aquisição bilíngue, mas que, nessas breves ocorrências, foi possível identificar a tendência natural desse meio: fazer um *codeswitching* entre as duas línguas, posto que elas não alternam coisas que não combinam, elas combinam os elementos linguísticos e posicionam tudo no lugar certo, como, por exemplo, a sequência da estrutura S+V+O de Noam Chomsky (1959). Isso equivale a dizer que o processo está se desenrolando de modo natural, porque, se o objetivo era aprender duas línguas, as crianças demonstram estar estabelecendo o sistema das duas línguas.

Neste ponto, então, faz-se importante retomar e destacar essa relevante ideia:

“crianças aprendem uma língua através das interações sociais vivenciadas e constroem o seu sistema linguístico a partir da linguagem que ouvem do adulto e de outras crianças falantes. Elas aprenderão uma segunda língua, usando-a. No início, irão memorizar algumas frases e palavras na segunda língua. Algumas crianças começam a falar rapidamente, cometendo erros, como parte do processo de construção. Outras levam algum tempo, antes de se expressarem na segunda língua, mas uma vez prontas, falam e cometem menos erros. As expectativas dos pais devem contar com alguns meses para que o processo apresente os primeiros sinais de produção linguística.” (MARTINS, 2007, p. 40).

Devido a esse fato, as ocorrências lexicais e fonético-fonológicas ocorreram com muito mais frequência do que as morfológicas, ainda que não em quantidade, mas em relação à repetição dos fenômenos, visto que a criança se utiliza na fala, do que já

conhece para se expressar. Assim, como diz Chomsky (1959), o ser humano vai selecionar o que será utilizado e, basicamente, excluir o resto.

Cabe, agora, terminar esse trabalho dizendo o quão gratificante foi realizar essa pesquisa e convidar outros sociolinguistas a se engajarem no universo das pesquisas sociolinguísticas e linguísticas em geral. É preciso que muitos mais pesquisadores entrem nessa seara, especialmente, a dos estudos do bilinguismo, haja vista a pouca produção encontrada no tratamento da aquisição de L1 e L2 por crianças em fase de aquisição da linguagem em sistema escolar regular. O convite fica feito. Esse campo de pesquisa é amplo e pode trazer importantes descobertas para a ciência linguística.

## **Bibliografia**

**MEGALE**, Antonieta Hayden ,2005. “**Bilinguismo e Educação Bilíngue – Discutindo Conceitos.**” Disponível em:

<[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_5\\_bilinguismo\\_e\\_educacao\\_bilingue.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_5_bilinguismo_e_educacao_bilingue.pdf)>

Acesso em: Abril de 2018

**VOTRE**, Sebastião, 2008. “**Sociolinguística in:Manual da Linguística**” Editora Contexto, 2008.

**MUSSALIM**, Fernanda e **BENTES**, Anna Christina, 2001. “**Introdução à Linguística – Domínios e fronteiras**” Editora Cortez, 2004.

**LORANDI**, Aline, **CRUZ**, Carina Rebello e **SCHERER**, Ana Paula Rigatti, 2011.

“**Aquisição da Linguagem**” Disponível em: <

[https://www.researchgate.net/profile/Aline\\_Lorandi/publication/269036846\\_AQUISICAO\\_DA\\_LINGUAGEM/links/547def3d0cf285d6caa994c3/AQUISICAO-DA-LINGUAGEM.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Aline_Lorandi/publication/269036846_AQUISICAO_DA_LINGUAGEM/links/547def3d0cf285d6caa994c3/AQUISICAO-DA-LINGUAGEM.pdf)>

Acesso em: Abril de 2018.

**CALVET**, Louis-Jean, 2007. “**Hipercorreção In: Sociolinguística – uma introdução crítica**” Disponível em: <

[https://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/154140/mod\\_resource/content/1/hipercorrecao\\_sociolinguistica\\_uma\\_introducao\\_critica.pdf](https://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/154140/mod_resource/content/1/hipercorrecao_sociolinguistica_uma_introducao_critica.pdf)>

Acesso em: Maio de 2018.

**FRIZZO**, Celina Eliane, 2013. “**O Processo de Aquisição e Aprendizagem de Línguas e o Bilinguismo**” Disponível em: <

<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2170/TCC%20Final%20Celina%20Eliane%20Frizzo.pdf?sequence=1>>

Acesso em: Abril de 2018.

**RAMOS**, Caroline, 2015. “**As Abordagens Teóricas Para Aquisição de Segunda Língua**” Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JYtyQthKOWE&t=45s>>

Acesso em: Maio de 2018.

**BIS**, Colégio,2018. “**Conheça os três principais benefícios do bilinguismo.**”

Disponível em:< <https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-bis/conheca-os-tres-principais-beneficios-do-bilinguismo/>>

Acesso em: Junho de 2018.

**STOCCO**, Nina, 2016. **“O que é bilinguismo.”** Disponível em:<<http://sproutly.com.br/2016/02/01/o-que-e-bilinguismo/>> Acesso em: Março de 2018.

**BORGES**, Lucivanda Cavalcante, **SALOMÃO**, Nádia Maria Ribeiro, 2003. **“Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social.”** Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a13v16n2.pdf>>. Acesso em: Maio de 2018.

**CORTEZ**, Ana Paula Barbosa Risério, 2007. **“A língua inglesa como objeto e instrumento mediador de ensino-aprendizagem em educação bilíngüe.”** Disponível em: <[http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/Ana\\_Paula\\_Cortez\\_Dissertacao.pdf](http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/Ana_Paula_Cortez_Dissertacao.pdf)> Acesso em: Maio de 2018.

**CUMMINS**, Jim, 1988. **“Second language acquisition within bilingual education programs.”** In.BEEBE, Leslie M. “Issues in second language acquisition.” Disponível em:<  
<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/003368829102200108?journalCode=rela>>  
Acesso em: Maio de 2018.

**ELLIS**, Rod., 1985. **“Understanding second language acquisition.”** Oxford: Oxford University Press. Disponível em:< <https://pt.scribd.com/document/356583397/Rod-Ellis-The-Study-of-Second-Language-Acquisition-Oxford-Applied-Linguistics-pdf>> Acesso em: Maio de 2018.

**MEGALE**, Antonieta Heyden, 2005. **“Bilinguismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos.”** Disponível em:  
<[http://www.revel.inf.br/site2007/\\_pdf/5/artigos/revel\\_5\\_bilinguismo\\_e\\_educacao\\_bilingue.pdf](http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/5/artigos/revel_5_bilinguismo_e_educacao_bilingue.pdf)> Acesso em: Junho de 2018.

**PAIVA**, Vera Lúcia Menezes de Oliveira, 2009. **“Como o sujeito vê a aquisição de segunda língua”** In: CORTINA, A.;NASSER. S.M.G.C. “Sujeito e Linguagem” Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/sujeito.pdf>>. Acesso em Junho de 2018.

**VENTURI, Maria Alice, 2006. “Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados.” In DEL RÉ, Alessandra, 2006. “ A aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística.”**

**MONTEIRO, José Lemos, 2015. “Para compreender Labov In: Coleção Para Compreender a Linguística.”** Disponível em: <https://vdocuments.site/para-compreender-labov.html> Acesso em: Junho de 2018.

**VYGOTSKY, Lev Semyonovich, 1996. “A Formação Social da Mente”** Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>> Acesso em: Maio de 2018.

**MARTINS, Marizilda Guimarães Lemos, 2007. “Uma experiência de desenvolvimento de projetos didáticos na educação infantil bilíngue.”** Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07122007-155142/> Acesso em: Abril de 2018.